

A experiência do CENFIM no período de confinamento

# A 'desmaterialização' súbita da Formação e o que nos deixou ela para amanhã?

Foi tudo muito rápido. Subitamente, vimo-nos em casa, num mundo para o qual não estávamos preparados. No caso do CENFIM isso não significou apenas ficarmos impedidos de habitar os nossos contextos de trabalho, representou também perder as salas de aula e as oficinas onde até então desenvolvíamos os processos de aprendizagem e onde nos encontrávamos todos os dias com os nossos milhares de formandos. Por isso, quando na terceira semana de março interrompemos a nossa atividade e nos confinámos em teletrabalho, levámos connosco o colossal desafio de trazer de volta o mais rapidamente possível os nossos formandos para a formação, mas agora através de ambientes remotos para os quais não estávamos preparados.



Por:

**José Novais da Fonseca**

Diretor do Departamento  
de Gestão de Projetos

Assim, enquanto 'reaprendíamos' a trabalhar num contexto que dissolveu todas as relações funcionais, modelos de comunicação e processos de trabalho a que nos habituáramos, tivemos simultaneamente de reestruturar as nossas estratégias pedagógicas, acelerar processos tecnológicos (plataformas digitais), reinventar recursos didáticos e estabelecer em tempo recorde novos modelos organizativos que salvaguardassem que a formação se desenvolveria a partir de então, à-distância, mas de modo controlado. Em apenas alguns dias as primeiras ações de formação começaram a funcionar. Desde a primeira semana de confinamento, dia após dia, fomos restabelecendo as ações, e os formandos começaram a regressar aos poucos para este novo universo digital da aprendizagem. No espaço de um mês

e meio, no final do mês de abril, já tínhamos em funcionamento 153 Ações de Formação e com elas cerca de 2.500 Formandos tinham retornado à sua sala de aula, ainda que esta fosse agora um espaço virtual alojado na Web. Um trabalho notável por parte dos nossos 13 Núcleos de Formação e de todas as Unidades Orgânicas que direta ou indiretamente estiveram envolvidas, sobretudo se considerarmos que esta transição acelerada se realizou a partir do súbito e do nada.

Toda esta energia de nada valer e nada disto teria sido possível se algo não tivesse funcionado como acelerador deste processo de transição. Algo que há uns anos atrás seria implausível, pelo menos no espaço de tempo que dispusemos. Esta migração súbita para o contexto à-distância destapou, por um lado,

comportamentos e competências digitais que, quase sem nos apercebermos, já estavam assimilados na nossa sociedade. Foram os nossos hábitos digitais do dia-a-dia, desde a panóplia de funcionalidades que utilizamos nos telemóveis às plataformas de *streaming* ou as redes sociais que trouxeram novos paradigmas da comunicação, que permitiram que formadores e formandos que nunca tinham convivido com ambientes de E-learning demonstrassem uma insuspeitável capacidade de adaptação. Depois, a tecnologia, fez o resto da diferença. A simplificação e 'democratização' das tecnologias digitais permitiu que hoje tivesse sido possível aceder quase de imediato a plataformas digitais para organizar sessões síncronas de formação, dispo de infinitas opções de escolha num quadro de grande simplicidade de utilização. Não há muitos anos atrás, almejar uma plataforma síncrona de formação significava um investimento de várias dezenas de milhares de euros, complexas operações de gestão e alojamento do serviço e uma qualidade de resultados incerta.

Este surto trouxe-nos assim, inesperadamente, para um planeta digital. Um mundo que era pouco habitado nos contextos profissionais e que víamos até muitas vezes como adverso, sobretudo quando falávamos de ensino e formação. Mas fez-nos também descobrir que afinal, as competências e tecnologias digitais já não eram um fator de constrangimento, olhado com desconfiança, mas, pelo contrário, um aliado para esta mudança, suavizando potenciais riscos e resistências. Efetivamente, com exceção de algumas áreas vitais de atividade, como é o caso da indústria transformadora que teve de permanecer no chão-de-fábrica a laborar, dando mais uma vez provas da sua reconhecida resiliência perante cenários adversos, toda esta situação destapou novas oportunidades e competências. Testemunhos das mais diversas latitudes falam-nos de equipas que se energizaram, de novas dinâmicas, reações mais rápidas, um acompanhamento do trabalho quase em tempo real, em alguns casos um maior foco no cerne da atividade e no cliente. Mas aqui estamos naturalmente a falar apenas de alguns sectores e atividades (serviços) onde isso era parcial ou quase totalmente possível, onde esse trajeto foi

apenas acelerado e que, provavelmente, não mais retornarão aos seus processos originais de trabalho e até aos seus modelos de negócio de onde partiram há poucos meses atrás.

Não convirá, contudo, olhar com imprudência para este fenómeno, radicalizando abordagens - o mundo que olhávamos com desconfiança não é agora o 'novo' mundo onde tudo pode ser reconstruído, especialmente quando falamos de 'aprender'. A Formação Profissional, pela sua componente prática, nunca se virtualizará completamente como alguns serviços, em potencial, o poderão fazer, mas também não deverá teimar numa excessiva ortodoxia, exclusivamente baseada nas relações presenciais e sem que nada retire da experiência e capacidades adquiridas pelos acontecimentos recentes. A formação de base tecnológica, como aquela que realizamos no CENFIM, os tais 'saberes' que só podem ser adquiridos pela via experimental, junto das máquinas, traz fortes argumentos para permanecer no mundo 'táctil'. E depois, nunca o podemos esquecer, a aprendizagem é também um processo social e afetivo: os homens aprendem com os homens e isso remete para muito mais que a simples transmissão do conhecimento. Aprende-se com o Formador mas também com os outros, os colegas, aprende-se com o que ouvimos mas também com o que vemos fazer. Estas componentes de socialização nos contextos de aprendizagem são fundamentais para o sucesso da mesma.

Mas isto não significa que não seja possível encontrar 'momentos' da aprendizagem que podem ser transpostos para ambientes remotos e com óbvias vantagens. Há muito que reconhecemos que um dos principais fatores obstrutivos para a formação ao longo da vida é a disponibilidade, ou se quisermos, a forma como se consegue (ou não) articular o tempo profissional e pessoal com a presença na formação, o que é naturalmente mais sentido ao nível dos Activos. Talvez aqui, um modelo

híbrido, que se sustente nos modelos de sala-de-aula, mas que incorpore sempre que possível componentes e tecnologias de formação à-distância, seja o mais desejável, permitindo que (parte da) aprendizagem seja acedida 'quando se quiser e onde se estiver', aproximando a formação, como qualquer outro serviço que se presta, das necessidades do 'cliente' e das características da sociedade do séc. XXI.

O dia de amanhã será certamente diferente e cabe aos agentes de formação assimilarem esta experiência para aproximarem os processos de aprendizagem aos seus formandos, de modo mais confortável, mais eficaz e mais inclusivo. Mas sempre que se caminhar para a desmaterialização da formação (que afinal é bem mais tangível do que supúnhamos) há vários aspectos que deveremos ter sempre presentes. Destacaria dois, para terminar:

- As tecnologias digitais são uma enorme alavanca para inovar e democratizar a educação/formação, mas nunca poderemos esquecer que ainda há famílias sem acesso à internet e a computadores. Chegar a mais alguns poderá nem sempre encurtar distâncias para outros. A inclusão, a equidade de acesso, são algo para que devemos olhar com sensibilidade quando falamos de modernização e processos digitais, sobretudo quando remetem para processos educativos. Esta é certamente matéria para deixar ao cuidado das políticas públicas.
- Num contexto mais pedagógico, e ainda que acreditando que há novas oportunidades para ensaiarmos em alguns casos a transição para o digital e para a desmaterialização da formação, deveremos ter presente que, para além de tudo, o homem é um animal social, que aprende com os outros e com a realidade - há um velho ditado que nos diz "o que eu ouço esqueço, o que eu leio lembro, mas o que eu faço aprendo!" ■

